
O USO DA HISTÓRIA ORAL EM PESQUISAS SOBRE O ENVELHECIMENTO: ANÁLISES E RESULTADOS

Fernanda Pinto

Mestranda em Desenvolvimento Regional UEPB/UFCG

(donnafernanda@hotmail.com)

Este trabalho é o resultado de projetos, pesquisas, análises e envolvimento pessoal com essa temática que, nos atrai por ainda - podemos dizer assim - nos assustar e incitar-nos a ir mais além do que já lemos, que já vemos. Nos assusta saber que nada que escrevamos, nada que venhamos a ler, que nos digam ou que vejamos vai retardar os sinais do tempo em nossas vidas. Como escreve Cícero(1937), em seu famoso tratado De Senectute (Da velhice), "todos querem chegar à velhice; quando chegam, acusam-na", e Simone de Beauvoirⁱ "Todos desejam viver por muito tempo, mas ninguém quer chegar a ser velho."

Campina Grande nos serviu de palco para análise dos sentidos que a velhice assume na atualidade. São as conversas que tivemos com pessoas dessa cidade que nos fez perceber a complexidade existente entre ser velho, sentir-se velho e projetar-se na velhice. Na tessitura desse trabalho escolhemos entrevistar algumas pessoas do bairro da Liberdade, que são de diferentes gerações, idades, religiões e possuem divergentes visões sobre a velhice do outro e a própria (atual ou futura).

A população mundial tem vivido, em geral, mais que nos últimos séculos. Em contrapartida, poucas crianças tem nascido, e devido a fatores sociais como o desenvolvimento de tecnologias na área da saúde, a expansão do saneamento básico, o nascimento da medicina social, mudanças na estrutura familiar, o aumento nos anos de estudo, entre outros, as taxas de mortalidade também diminuiram.

É nesse sentido que as proposições de Febvreⁱⁱ sobre a ampliação dos "arquivos do historiador" vão nos ser úteis, uma vez que para a tessitura desse trabalho utilizamos as mais diversas fontes de múltiplas áreas, entendendo que todo vestígio das ações coletivas e/ou individuais dos homens compõe a história, bem como que as ciências humanas se completam na escritura de uma história do homem.

Em estudo publicado com o título “As Transições Demográficas e as Mudanças na Estrutura Etária e suas Implicações para o Futuro do Brasil”, o geógrafo José Estácio Diniz Alvesⁱⁱⁱ faz um estudo analítico do decréscimo da natalidade no país, levando em conta o crescimento econômico para a modificação na transição demográfica.

Nesse estudo ele mostra as mudanças ocorridas em grau quantitativo no número populacional do país desde 1850 até o ano de 2000, e a diversificação dos arranjos familiares no Brasil até 2006. Com esses dados, ele faz projeções etárias e populacionais para o Brasil até 2050, ano em que ele acredita que os idosos serão mais de 30% dos habitantes do país. E a idade mediana da população estará entre 45 e 48 anos. Devido às quedas das taxas de fecundidade, sobretudo a partir das décadas de 70 e 80 e à diminuição gradativa das taxas de mortalidade registradas nas últimas décadas, o envelhecimento da população brasileira é um fato quase consolidado.

De acordo com Samira do Nascimento Lyra^{iv}, a reflexão sobre o envelhecimento de uma população não pode e nem deve se resumir a uma mera análise demográfica, mas, sobretudo, incluir os aspectos sócio-econômicos e culturais de um povo, a fim de que se possa perceber de forma mais nítida as conseqüências, mudanças, desafios e perspectivas que esse processo traz consigo.

Em meio a contemporaneidade dos fatos que estamos analisando, algumas mudanças culturais podem ser apontadas, tais como a saída da mulher para trabalhar fora de casa, o aumento da renda familiar, melhores condições de saúde e saneamento básico no país nos últimos 30 anos, com a criação da PLANASA – Plano Nacional de Saneamento, *entre 1971 e início da década de 1980 segundo levantamento efetuado por Marcos T. Abicalil (1998) o setor de saneamento teve grande impulsão, crescendo 43% em cobertura de água e 122% em coleta de esgotos” (Oliveira)^v.*

O aumento na quantidade de anos de estudo também é um indicador dessa mudança, o acesso à escola e o aumento da quantidade de jovens que ingressam nas universidades é um dos motivadores da prática do planejamento familiar em algumas regiões do país, principalmente no sul e sudeste. As novas configurações culturais brasileiras são apontadas, de acordo com o censo 2006 com significativas transformações: cresceu o número de domicílios unipessoais, o número de casais sem

filhos (que chega a ser de 26,82 %), e há uma diminuição do modelo tradicional de família (casal heterossexual com filhos).

Nas últimas décadas, principalmente com o surgimento das primeiras sociedades de geriatria, espaço esse que tem uma dimensão maior que as paredes que os cercam, há também um aumento crescente nos estudos, pesquisas e análises sobre a velhice e o envelhecimento, não apenas enquanto fenômeno físico- social, mas também enquanto mudanças sócio- culturais. Os estudos históricos tem adentrado esses espaços buscando informações sobre o comportamento humano, as (re)criações e atitudes dos indivíduos nesse período de transformações etárias- demográficas na sociedade.

A política pública de atenção ao idoso se relaciona com o desenvolvimento sócio-econômico e cultural, bem como com a ação reivindicatória dos movimentos sociais. Um marco importante dessa trajetória foi a Constituição Federal Brasileira de 1988, que introduziu em suas disposições o conceito de Seguridade Social, fazendo com que a rede de proteção social alterasse o seu enfoque estritamente assistencialista, passando a ter uma conotação ampliada de cidadania.

A implantação da Lei do Idoso, em 1994, estimulou a articulação dos ministérios setoriais para o lançamento, em 1997, de um Plano de Ação Governamental para Integração da Política Nacional do Idoso. São nove os órgãos que compõem este Plano: Ministérios da Previdência e Assistência Social, da Educação, da Justiça, Cultura, do Trabalho e Emprego, da Saúde, do Esporte e Turismo, Transporte, Planejamento e Orçamento e Gestão. Uma teia gigantesca foi armada a fim de se conseguir articular todo o governo central para atender as demandas sociais desse “novo” grupo que de acordo com previsões científicas sociais, ocupará a maior parte do espaço na comunidade nos próximos anos.

O crescente aumento da longevidade no Brasil tem causado problemas de ordem habitacional, as novas configurações familiares também são motivadores do aumento no número de pessoas que não tem onde morar após chegar à velhice. Seja por não possuírem familiares vivos, ou por não se “enquadrarem” nos moldes de vida dos filhos e parentes, o fato é que a cada dia mais pessoas precisam recorrer a asilos e instituições que abriguem pessoas sem lar. Para piorar a situação do idoso institucionalizado, a grande maioria dos asilos funcionam sem qualquer tipo de cuidado específico voltado

para a atenção ao idoso, e as questões adaptacionais se complicam ainda mais. De acordo com Akemi Yamamoto e Maria José D'Elboux Diogo^{vi}

... na Portaria nº 810, de 22 de setembro de 1989, do Ministério da Saúde, estão descritas as normas e padrões para o funcionamento de casas de repouso, clínicas geriátricas e outras instituições destinadas ao atendimento de idosos, quanto à definição, organização, área física e recursos humanos. Todavia, muitas instituições funcionam sem estarem sob as condições ideais e, ainda que recebam o aval para funcionarem, "estão longe de atenderem à população idosa.

O processo que se inicia com o aumento na expectativa de vida das pessoas desemboca em um problema social, que tem em suas soluções públicas iniciais um impasse, uma vez que o asilamento de idosos em casa, pode representar o afastamento dos laços familiares e a dor da perda de papéis em casa, mas também, como afirma Debert (op.cit.), nem sempre estar com a família é a solução, pois inúmeros idosos sentem mais sós quando estão rodeados por familiares que quando estão em asilos. É o que a citação acima, de Agra do Ó, vem afirmar, alguns idosos são retirados do convívio social para amenizar as sensibilidades dos mais jovens, que muitas vezes são filhos e/ou netos, que não suportam a convivência intergeracional. De acordo com Agra do Ó (2007),

essa teria sido a forma pela qual nossa sociedade elaborou a sua relação consigo e com a prática da individualização: os afetos foram controlados, os instintos, subjugados à cultura, a felicidade intimamente a satisfação e ao gozo próprio do indivíduo. Aos velhos passou a caber a culpa por sua própria decadência e a alternativa do isolamento, sob os cuidados de instituições e especialistas, que os retiram do convívio social, pacificando a sensibilidade dos mais jovens.

Foi criado também o Conselho Nacional do Direito dos Idosos (CNDI), que funciona em forma de colegiado, integrando a estrutura básica da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, que elabora as diretrizes para a formulação e implementação da Política Nacional do Idoso, tendo por base o Estatuto.

Temos uma série de leis e medidas que visam atender, melhorar e ampliar a vida do idoso no nosso país. É bem verdade que muitas dessas medidas não funcionam como planejado, porém, precisamos ter sensibilidade para perceber que se o poder público se mobiliza em prol de um determinado grupo da sociedade, que até então não

se fazia notar com tamanha “força”, é por que as estruturas sociais e culturais estão mudando, transformações históricas precisam antes de tudo, como um *a priori*, serem sentidas e ao passo que vão ocorrendo, cabe ao historiador a competência de escrevê-las, não como mero registro, obrigatório e enfadonho, mas como um pintor, que pinta o que sente, para que outras pessoas possam também desfrutar o que ele conseguiu captar em dado momento.

Fazemos uso da sensibilidade, *essa aventura da individualidade que se encontra no centro das ambições da história cultural* (Pesavento, 2007), tão necessária aos historiadores para perceber nos silêncios a perpetuação de alguns conceitos e a (re)apropriação de outros, *pois as sensibilidades são uma forma de apreensão e de conhecimento do mundo para além do conhecimento científico, que brota do racional ou das construções mentais mais elaboradas* (Pesavento, 2007). As relações familiares, de auto-aceitação, de medo do desconhecido e a significação da velhice foram analisadas a partir da fala de pessoas com idades, credos e sexos diferentes, mas que tem em comum o fato de residirem na mesma espacialidade, o bairro da Liberdade, na cidade de Campina Grande - PB.

A convergência da historiografia atual sugere uma nova configuração, uma nova forma de questionar a realidade, tomando como base temas do domínio da cultura e salientando o papel das representações e, como expressão do pensamento, elas se manifestam por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade.

No início desta pesquisa, fazer uso de entrevistas foi temido por nós, uma vez que dissertar sobre envelhecimento, analisar pesquisas, dados, fontes, tudo que leve a conclusões sistemáticas não é fácil e, principalmente, quando vamos falar de sentimentos. É evidente que os entrevistados falam o que sentem, mas, também falam o que “desejam” sentir. Eles, assim como nós, mostram o que querem que seja percebido e sentido, num misto de projeções e sentimentos.

Conhecendo de perto a realidade da vida de muitos idosos em fase de fragilidade, tememos pelo que poderíamos ouvir, compartilhar e sentir no andamento das conversas, pois “o recalçamento da idéia de morte anda de mãos dadas com problemas sociais”, de acordo com Elias (2001). E era essa idéia de finitude que tínhamos ter que ouvir repetidamente dos entrevistados. Todavia, fomos surpreendidos

com a complexidade de respostas, angústias e desejos presentes nas entrevistas, elas nos trouxeram a percepção da diversidade de compreensões que os indivíduos possuem sobre si mesmas e sobre os outros na velhice, a nossa própria concepção foi reformulada (e sempre estará aberta a transformações).

Muitas visões sobre o que é velhice surgem no cenário atual, algumas pessoas a colocam como fato psicológico, outras como biológico. Para o entrevistado Tiaguinho^{vii}, a velhice pode ser entendida além da idade cronológica, seriam atitudes que cada um toma em relação a si próprio e ao outro, para ele

... você pode ser velho a partir dos trinta. Agora quanto à idade, fisicamente você agora ser dependente de outra pessoa, eu acho que sessenta, sessenta e cinco, dependendo da pessoa. Tem gente que é bem mais que isso e outros que são bem menos. Mas eu acho que velho pra dá uma datação... você que decidi, a partir do momento que você está velho. É claro que vai ter um momento que seu corpo vai dizer que você está velho a acabou, mas muita gente tenta quando completa cinqüenta anos, cinqüenta e poucos diz: ai estou velho, vou desistir de fazer as coisas, não consigo mais nada. Tem gente que diz que está muito velho pra tentar isso ou aquilo, como eu já tive exemplos essa semana mesmo. Pra mim você que decide a sua velhice, se você quer uma coisa e diz que está muito velho pra fazer ou ter isso, a partir desse momento pode se considerar um velho por que você acabou a sua credibilidade em você mesmo, então você mesmo está se declarando um... que você não tem mais o seu direito de escolha. Você está se excluindo das pessoas que podem agir normal sem depender de ninguém, você declara que a partir de agora depende do que o sistema lhe oferecer, que está muito velho pra tomar as próprias decisões, ter as próprias vontades. (Tiaguinho)

Para ele a velhice está diretamente ligada a decisões tomadas durante determinada etapa da vida, é a forma pela qual cada um resolve encarar o seu futuro, seria assim cada individuo culpado por sua possível decadência.

Em nossa sociedade contemporânea ocidental, as pessoas tendem a fugir da idéia de finitude, tornando-se, portanto, visível a dificuldade que elas apresentam de identificar-se com os velhos e moribundos. Desse modo, o afastamento da idéia de morte, da projeção da velhice, é uma tentativa de fugir da lembrança de nossa própria morte, a morte é empurrada para os bastidores da vida social. De acordo com Elias (op.cit.) “...a partida começa muito antes...muitas pessoas morrem gradualmente; adoecem, envelhecem...a fragilidade dessas pessoas é muitas vezes suficiente para separar os que envelhecem dos vivos. Sua decadência as isola.”

Ser idoso é comumente associado à possuir doenças, falibilidades, apesar dessa impressão não ser correta, pois boa parte dos idosos em nosso país tem sua autonomia e independência preservados.

... se eu chegar a parar de trabalhar vai ser a agonia maior da minha vida. Se chegar o dia de eu parar, Deus é quem sabe, eu não vou fazer nenhum besteira comigo, mas Deus me livre e guarde, por que triste da pessoa que faz alguma besteira com suas próprias mãos. Eu não tenho vontade de parar.
(Teodoro)

A citação acima foi retirada da entrevista com seu Teodoro^{viii}, que, apesar de já ter alcançado uma faixa etária elevada ainda sustenta boa parte da família com seu trabalho de mecânico. Sua condição física contradiz o esperado corporalmente pra pessoas com mais de 60 anos e sua lucidez mental reafirma a diversidade de velhices existentes atualmente.

Guita Debert^{ix} afirma que a forma pela qual a vida em sociedade é periodizada e categorizado é resultado das formas relacionais pelas quais cada comunidade desenvolve seu modo de viver e conviver com suas realidades. Ela afirma que a velhice não se constitui em uma categoria natural, uma vez que as categorias de idade são construídas histórica e socialmente, conceituando também as idades cronológicas e geracionais.

O medo da solidão na velhice nos parece um mal que assola a maioria das pessoas, a maior parte dos entrevistados se mostraram bastante preocupados com relação a isso. Tiaguinho afirma ter medo da solidão na juventude, perder suas ligações sociais. Não possuir “pares” para desenvolver relações sentimentais e de convivialidade tem sido um dos maiores temores da sociedade atual.

Durante a entrevista realizada com Tiaguinho, ele se mostrou totalmente contrário a institucionalização de idosos, essa é uma opinião bastante comum entre pessoas que convivem com parentes ou amigos idosos.

Pra mim asilo é como se fosse um hospício. O hospício é um lugar pra você colocar doido, aquelas pessoas que você quer a margem da sociedade, pra mim os asilos são a mesma coisa. Por que um idoso tem família, e mesmo não tendo eles são jogados pra lá, a margem da sociedade. É como se você tivesse marginalizando uma faixa etária. É horrível, ninguém merece ir pra um asilo, é como morrer antes da hora. (Tiaguinho)

Se pensar na velhice nos remete muitas vezes a solidão, nos remete também, a novas configurações familiares, a novos espaços dentro da sociedade, a mobilidade de sentimentos e papéis dentro das relações, contudo, creio que o que mais assusta as pessoas ao pensar na velhice se relaciona ao corpo.

Teme-se não só as debilidades físicas e as necessidades novas que terão que ser atendidas. O medo maior está na questão da beleza, no que o olhar que o outro terá, no aprisionamento que a cultura da beleza, do efêmero pede. A auto-imagem - o modo como as pessoas se vêem, se percebem - do ser humano que vive nas modernas sociedades não inclui a idéia do envelhecimento e da morte.

É possível notar nas entrevistas que as pessoas que ainda não chegaram a velhice falam com receio do futuro incerto, falam baseados no que vêem hoje, na falta de respeito que alguns entrevistados afirmam ver nos motoristas de ônibus, no medo de se imaginar com ruga e, de forma mais dolorosa (se é que se pode medir a dor alheia) no medo de não conseguir realizar os planos para o futuro que uma das entrevistadas nos fala melancolicamente.

A naturalização da velhice é, portanto o centro dessa pesquisa, uma vez que afirmamos em meio a entrevistas, trechos de artigos e livros a complexidade que há em se projetar velho, bem como a multiplicidade plástica de ser velho. No momento em que a humanidade caminha para a busca da “beleza eterna”, por meio de novas tecnologias que prolonguem a juventude (sinônimo de beleza), encontramos pessoas que não se chateiam com o nascimento dos cabelos brancos, que amam a “nova” aparência da pessoa amada, mesmo sem cabelos. E vemos que a velhice é uma fase da vida que não cabem generalizações, ela é diferente para cada pessoa e é vivenciada de acordo com a concepção que cada um tem dela.

A História Oral nos possibilitou esse contato mais “real” com as visões e discursos sobre o envelhecimento, esse acesso foi o norte da pesquisa, pois acreditamos que ao se fazer uma história do presente, precisamos de relatos de pessoas do presente, com suas concepções, formas de viver e influências culturais, tão importantes para a pesquisa histórica.

Historicamente, as sociedades constroem modelos de discriminação e exclusão, alimentados por sistemas de valores fundados sobre a estigmatização de determinados

segmentos do grupo social, ao mesmo tempo em que fornece os paradigmas a serem seguidos e prestigiados pelos membros da comunidade.

Entendemos que a velhice com todo o seu aparato legal, institucional e acadêmico, tem sido um “lugar” de medo, e que vem significando uma fase complexa da vida. Mas não estamos falando da velhice enquanto chegar aos 60 anos, mas sim a velhice atual, a que estamos projetando, a que está por vir. A velhice estudada e analisada, a que “mete medo” em alguns dos entrevistados, a amada, por outros e principalmente, estamos falando da velhice que ainda não existe enquanto fato, mas que já é real enquanto projeção.

Durante as entrevistas a primeira e mais contundente constatação que pudemos fazer é que a construção de uma identidade perpassa também por uma (des)construção de um corpo socialmente aceitável, não importando a idade. E essa aceitação pode vir muitas vezes da visão dos familiares, da pessoa amada, ou mesmo de um único amigo que tenha grande importância na vida de quem busca se adequar.

Medos, sonhos, desejos. Após fazer essas entrevistas, ter contato com os entrevistados e ler mais uma vez o que os acadêmicos falam sobre a velhice, compreendemos que a relação entre as gerações será a responsável pela aceitação da velhice em cada um. Ela não é um fato total, não pode ser associada sempre a perda de autonomia, nem a um padrão comportamental fechado. Há uma plasticidade nas formas de gerir e imaginar a velhice, a fluidez e multiplicidade de estilos de vida que as pessoas levam nos fazem considerar que a velhice não é temida por todos, para alguns que já a alcançaram ela não assusta, não trás saudades da juventude, ela simplesmente é o agora, é o atual, precisa ser vivida.

Não há padrões a serem seguidos, não há o que seguir, assim como os estudos mostram que a sociedade contemporânea caminham para o envelhecimento em massa das suas populações, esses dados só se transformam em fatos no momento em que pessoas o fazem, são elas que completam essas transformações e também são elas – as pessoas – que dão sentido, significam esse processo, e para cada pessoa ele sempre irá ocorrer de forma diferente, atingindo corpos, sentimentos e relações, mas nunca estabelecendo normas.

NOTAS

- ⁱ BEAUVOIR, Simone. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- ⁱⁱ In: REIS, José Carlos. *A Escola dos Annales: A inovação em História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- ⁱⁱⁱ Em artigo intitulado “O bônus Demográfico e o Crescimento Econômico no Brasil. 2007.
- ^{iv} Em artigo intitulado “O Envelhecimento da população brasileira e o aumento do uso de medicamentos – A Atenção Farmacêutica como política pública para o acompanhamento do uso de medicamentos. Belo Horizonte, MG - UFMG/FAFICH, 2008.
- ^v A gestão de serviços de saneamento básico no Brasil. 2005.
- ^{vi} Em artigo intitulado “Os idosos e as instituições asilares do município de Campinas.” – 2002.
- ^{vii} Tiaguinho é o pseudônimo usado para o entrevistado de 17 anos, que está na Universidade, cursando Engenharia de Minas e é solteiro.
- ^{viii} Seu Teodoro é o pseudônimo do entrevistado de 77 anos, casado, não frequentou a escola e ainda hoje é o principal responsável pelo sustento de sua casa, com a profissão de mecânico.
- ^{ix} Guita Grin Debert. *A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade*. In: **Velhice ou Terceira Idade**. São Paulo: FGV, 2003.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Trad. Dora Flakman. Editora Guanabara – Rio de Janeiro, 1981.
- Associação Nacional de Gerontologia - seção RJ**
<http://sites.uol.com.br/anj-rj/>
- BARROS, Myriam Lins de. **Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice**. *Perspectivas Antropológicas da Mulher*. n.2, 1981.
- BASSIT, Ana Zahira. **O curso de vida como perspectiva de análise do envelhecimento na pós-modernidade**. In: DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, D. *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Mandarim, 2000, p. 217-234.
- BEAUVOIR, Simone. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- _____. **A velhice: realidade incômoda**. (2ª ed.). DIFEL, São Paulo, 1976.
- BOSI, Eclea. **Memórias e sociedade: lembranças de velhos**. T. A. Queiroz, São Paulo, 1983.
- CABRAL, Benedita E. S. L. **Família e Idosos no Nordeste Brasileiro**. In: MOTTA, Alda B. (org). *Dossiê: Gênero e família*, Caderno 29 CRH, Editora UFPA, p. 13 –149.
- DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 1999.
- ELIAS, Nobert. **A Solidão dos Moribundos, seguido de “Envelhecer e Morrer”**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- GROISMAN, Daniel. **Dois abordagens aos asilos de velhos: da clínica Santa Geneveva à história da institucionalização da velhice**. *Cadernos Pagu* (13) 1999: pp.161-190.
- _____. **A Infância do Asilo: a institucionalização da velhice no Rio de Janeiro da Virada do século**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999. Dissertação de mestrado em Saúde Coletiva.
- HADDAD, E. G. M. **O direito à velhice: os aposentados e a previdência social**. Ed. Cortez, São Paulo, 1993.

NERI, Anita Liberalesso (org.). Maturidade e Velhice: trajetórias individuais e socioculturais. Campinas: PAPIRUS, 2001.

_____ (org.). **As Múltiplas Faces de Velhice no Brasil.** Campinas: Alínea, 2003.

VERAS, Renato Peixoto (org.). Terceira Idade: alternativas para uma sociedade em transição. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UERJ/UNATI, 1999.